



## A IMPORTÂNCIA DA FONÉTICA E DA FONOLOGIA PARA O PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Junia Januaria Garcia<sup>1</sup>  
[junia.jgarcia@yahoo.com.br](mailto:junia.jgarcia@yahoo.com.br)

Fabiano José Ferreira Arantes<sup>2</sup>  
[fabiano.arantes@ifgoiano.edu.br](mailto:fabiano.arantes@ifgoiano.edu.br)

**RESUMO:** Este trabalho objetiva discutir a importância dos conceitos fonético-fonológicos não adquiridos na formação inicial por muitos profissionais da educação que atuam no processo de alfabetização e nos demais anos iniciais do ensino fundamental. No decorrer deste, as questões giram em torno de quais os conceitos da fonética e da fonologia os professores podem não deter, como esses conceitos impactam no ensino e na aprendizagem da língua (escrita ou falada), de que forma a posse desses conceitos poderia mudar a compreensão e a abordagem dos aspectos elementares da língua pelos alunos. O objetivo geral é conscientizar sobre a importância dos pressupostos fonético-fonológicos no ensino da língua materna. Constitui-se uma pesquisa bibliográfica que aponta a visão de autores sobre como tratar esses aspectos que contribuem para a melhoria do ensino da língua materna nos anos iniciais do Ensino Fundamental, se a fonética e a fonologia forem inseridas a contento na formação dos professores pedagogos.

**Palavras-chave:** Conceitos. Fonética. Fonologia. Anos Iniciais. Professores.

**ABSTRACT:** This work aims to discuss the importance of phonetic-phonological concepts in the literacy process and in the other early years of elementary school, not acquired in initial training by many of the education professionals working in this field. In the course of this, questions revolve around which phonetics and phonology concepts teachers may not have, how these concepts imply in the teaching and learning of language (written or spoken), in which way the possession of these concepts could change the understanding and approach of the elementary aspects of the language with the students. The general objective is to raise awareness about the importance of phonetic-phonological assumptions in the teaching of the mother tongue. A bibliographical research is constituted, pointing out the authors' view of how to deal with these aspects, contributing to the improvement of the teaching of the mother tongue in the early years of Elementary School, if phonetics and phonology are satisfactorily inserted in the training of pedagogue teachers.

**Keywords:** Concepts. Phonetics. Phonology. Initial Years. Teachers.

---

<sup>1</sup> Aluna do curso Pedagogia e Educação Tecnológica (EPT), Instituto Federal de Goiás, Campus Campos Belos(GO)

<sup>2</sup> Professor Mestre. Diretor do Campus do Instituto Federal Goiano, Campos Belos (GO), orientador do Trabalho de Conclusão de Curso.

## 1 PALAVRAS INICIAIS

Este trabalho de pesquisa está contido no bojo das discussões sobre educação linguística, no tocante à formação de profissionais de ensino, mais precisamente refere-se aos professores alfabetizadores e que ensinam a língua portuguesa nos anos iniciais do Ensino Fundamental (EF). A pesquisa desenvolveu-se considerando o pressuposto de que a alfabetização e a continuidade da aquisição da língua materna impulsionada pela escolaridade estão intimamente ligadas à Fonética e à Fonologia, uma vez que a consciência fonológica, ou seja, a capacidade metalinguística que possibilita a análise consciente das estruturas da língua, é iniciada logo cedo, principalmente no período em que as crianças cursam os anos iniciais. No decorrer desses anos de escolarização, ocorrem os ensinamentos relativos ao decodificar e codificar a língua materna.

E nesse tempo torna-se imprescindível os estudantes adquirirem clareza de que a língua se compõe de unidades que agregadas formam significados e mesmo que alguns sons possam ser pronunciados de diferentes formas (vários fones) eles são representados na escrita pela mesma letra, ou que outras vezes, uma mesma letra representa fonemas diferentes na escrita, pois essa modalidade da língua (a escrita) constitui-se em uma tentativa de representação da fala, mas não a própria fala. Todas as línguas oralizadas possuem seus fones e seus fonemas, os primeiros relacionados à fala, os segundos à organização deles como unidades de distinção de significados da língua.

Assim sendo, a fonética e a fonologia que, respectivamente, estudam os fones e a organização dos fonemas da língua, no caso deste trabalho, a língua portuguesa, precisam estar alinhadas com a ação docente ao longo de todos os anos que lidam diretamente com a aquisição da língua materna, seja no aspecto falado ou no escrito. Há nessas disciplinas de estudo das línguas conceitos bem influentes na formação das capacidades, principalmente metalinguísticas, cujo domínio os professores dos anos iniciais devem ter. Citam-se, como exemplo, os conceitos de fones, fonemas, letras, vogais e consoantes, os quais, no mais das vezes, são tratados com muita distância do ideal.

Sabe-se que as formações iniciais, ou seja as graduações, não são completas, mesmo porque o conhecimento não se estagna e o tempo de formação para as licenciaturas é curto, tendo esses cursos, na atualidade, uma média de quatro anos. A disciplina de Fonética e Fonologia ocupa, mesmo nos cursos de Letras que lidam diretamente com a formação nessa área, apenas um semestre, e nos cursos de Pedagogia, em sua maioria, a disciplina não é contemplada, nem como componente curricular nem como conteúdo de um dos componentes

curriculares. O que, às vezes, pode-se identificar nos cursos de Pedagogia é uma base linguística para alfabetização, a qual gira mais em torno de alguns métodos e algumas reflexões sobre a aquisição da escrita, ou em que a fonética e a fonologia se apresentam como um conteúdo aligeirado dessa disciplina, não como disciplina constituída individualmente.

Esse fato tornou-se evidente por verificação, no percurso desta pesquisa, nos cursos de Pedagogia existentes na região de Campos Belos (GO), englobando uma universidade situada no estado do Tocantins. A verificação se deu tanto in loco como por meio dos Projetos Políticos de Cursos (PPC) no item referencial curricular. Assim, quanto à metodologia utilizada nesta pesquisa, ela se insere no âmbito da observação dos fatos, da pesquisa bibliográfica e de uma análise documental (PPC dos cursos).

Dessa forma, são discutidos aqui alguns possíveis desconhecimentos sobre os pressupostos da Fonética e da Fonologia, por parte dos profissionais que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental, bem como as implicações desses conceitos na capacidade dos alunos de representar, falar e explicar a língua materna, neste caso, a língua portuguesa, apontadas por autores da área da linguística e relacionadas.

Faz-se mister afirmar que o trabalho desenvolveu-se sem nenhuma intenção de atribuir culpas ao professor alfabetizador, porém procurando despertar, principalmente esse profissional docente, para a necessidade de tais conhecimentos se constituírem como fulcrais na abordagem da língua, não só no processo de alfabetização, mas ao longo do ensino da língua materna e até de outras línguas.

Opta-se, pelo que foi verificado, por apontar a formação inicial como o lugar de origem dessa incompletude para a abordagem da língua, no âmbito dos cursos de Pedagogia, propondo ao final uma revisão desse aspecto do ensino superior.

A motivação da pesquisa ocorreu, primeiro, por perceber, como profissional de educação, que muitos dos professores dos anos iniciais abordam a língua, durante o ensino, sem muita distinção de conceitos fundamentais para esse fim. E este trabalho justifica-se por reconhecer que a fase inicial é a base para os aprendizes, o sustentáculo de uma aprendizagem eficiente e capaz de dar autonomia para quem a recebe, para que possa se constituir sujeito na construção da cultura de sua região, estado e país, podendo falar, escrever, analisar a sua língua materna com competência e zelo.

Ainda, motiva-se por considerar que a fonética e a fonologia são disciplinas que lidam com as mais elementares unidades da língua, sendo elas os segmentos vocálicos e consonantais com que se inicia a compreensão da estrutura formal da língua, nas escolas. Pois, de forma

quase geral, os arranjos desses segmentos na língua falada e escrita constituem os conteúdos abordados incessantemente na alfabetização, nos anos seguintes do EF e por um bom tempo de estudo da língua materna, incluindo séries do Ensino Médio.

Considera-se este tema relevante principalmente para os pedagogos que, quase sempre, deixam de ser contemplados com tal conteúdo, com o devido aprofundamento, em suas matrizes de formação e no mais das vezes, nem mesmo superficialmente. E mais, para esses professores, conhecer os pressupostos e compreender os conceitos fonéticos e fonológicos terá efeitos positivos em suas práticas e no êxito da formação de seus alunos, enquanto falantes que conhecem a língua materna, cuja consciência fonológica está no tempo de ampliação. Pois, conforme aponta Riolfi et.al. (2014, p.14), “se desejarmos, genuinamente, cumprir o papel de mediadores entre o aluno e o imenso cabedal de recursos linguísticos disponível [...]devemos nos responsabilizar por uma organização do cotidiano escolar com informações mais precisas.”

Assim, apresentamos a ideia de que a formação inicial do pedagogo aqui mencionado, como também de outros profissionais docentes, precisa ser repensada no sentido de atender, de forma mais efetiva, aos aspectos que possam dar suporte à prática docente e à melhoria da educação, de modo geral.

## **2 CONHECENDO A FONÉTICA E A FONOLOGIA**

Os estudos linguísticos são divididos em muitas áreas, cada uma delas possui foco e métodos de análise próprios. Todas essas áreas têm importância para aqueles que lidam com o ensino de língua, pois cada uma contribui de um modo para que se aborde aspectos da linguagem humana, de forma mais direcionada.

Conforme aponta Gomes (2009), dentro desse campo, há a semântica, a pragmática, a sintaxe, a neurolinguística, a análise do discurso, a psicolinguística, a linguística textual, a morfologia, a fonética e fonologia. Sobre as últimas trataremos aqui, discutindo como elas são constituídas e de que forma podem auxiliar no ensino mais efetivo da língua a ser ministrado nos anos iniciais do Ensino Fundamental, se conhecidas em seus conceitos fundamentais e pormenores.

Battisti (2014), trazendo à luz um pouco da historicidade dessas disciplinas, afirma que a fonética teve seu alicerce nos meados do século XIX, como fruto do aumento da curiosidade sobre os órgãos da fala e seu funcionamento, dado no século XVII, e também nos estudos comparativos de línguas intensificados no século XVIII, com empenho de estudar períodos

remotos das línguas, na tentativa de comprovar parentesco entre elas. Quanto à fonologia, Battisti (2009) afirma que o Círculo Linguístico de Praga, por meio de Nikolai Trubstzkoy e Roman Jakobson, constituiu seu firmamento como campo de estudo das línguas, à medida em que esses estudiosos percebem os traços distintivos e definem o fonema, então, como unidade distintiva. Um pouco mais tarde, os estudos norte-americanos consagraram esses estudos com o exame da distribuição dos fones e da relação deles com os fonemas.

Assim, resumidamente, afirmamos que a fonética é o estudo dos fones de uma língua. A fonologia, por sua vez, ocupa-se dos aspectos interpretativos dos sons, ou seja, da estrutura funcional da língua. Estuda os fonemas, ou elementos fônicos, que distinguem, em uma mesma língua, os significados. Os fones, segundo Battisti (2014, p.28), são “as unidades discretas de sons da fala”, ou seja (diferentes) realizações de um fonema, são, portanto objetos da fonética e são representados entre colchetes [ ].

Os fonemas, por sua vez, são “os sons em seu valor contrastivo ou opositivo em organização em constituintes como sílabas, morfemas, palavras.” Ao nos referirmos aos fonemas devemos representá-los entre barras inclinadas / /. Dessa forma, podemos afirmar que a fonética se faz a ciência da fala, ao passo que a fonologia a ciência da língua. Adentramos, pois, nessa compreensão mais alicerçada em aportes teóricos.

Consoante Gomes (2009) temos como definição da Fonética:

Estuda os sons da fala, preocupando-se com os mecanismos de produção e audição. Com o estudo da fonética, podemos distinguir as realizações de fala de diversas comunidades linguísticas, em seus agrupamentos geográficos, sociais, de faixas etárias ou mesmo de diferenças individuais. (GOMES, 2009, p. 33)

Dada essa observação, sabe-se que conhecendo os pressupostos da fonética, poder-se-á respeitar as variações linguísticas encontradas em uma sala de aula e mesmo nas próprias comunidades de vivência de professores e alunos. As variações fonéticas, muitas vezes, são motivos de críticas e até de discriminação social, atribuindo rótulos sociais, categorizando os falantes, o que o professor precisa conhecer os porquês a fim de neutralizar essas ocorrências.

Quanto à fonologia, Gomes (2009) também esclarece:

Preocupa-se também com os sons da língua, mas do ponto de vista de sua função. Analisa como as distinções básicas entre os sons formam as palavras de uma língua, sem dar atenção a como os falantes realizam esse som. A fonologia, também chamada fonêmica por alguns autores, descreve toda a estrutura sonora da língua: seus segmentos consonantais e vocálicos, estrutura silábica, acentuação, ritmo e entonação, sem levar em conta as diferenças que possam existir entre um falante e outro ou entre um ou outro contexto de fala. (GOMES, 2009, p.33)

O excerto acima esclarece os objetivos da fonologia e demonstra como essas áreas se complementam nos estudos linguísticos. Se uma das disciplinas determina quais são os fonemas da língua a outra analisa como esses fonemas podem aparecer na fala de seus utentes. Na relação entre ambas, a fonética trabalha como ciência descritiva enquanto que a fonologia, como interpretativa. Desse modo, pode-se afirmar um caráter de interdependência.

Weis (1988) define a fonética como “o estudo dos sons da fala humana em suas diversas realizações, sem se importar com sua função e seu significado.” (WEIS, 2009, p. 3). Assim, ela distingue as abordagens dessas duas áreas:

A fonética é o estudo dos sons em geral do ponto de vista da produção, distinção e descrição, tendo por unidade mínima o fone[...]. A fonêmica ou fonologia estuda a função dos segmentos e das unidades de sons numa determinada língua, tendo por unidade mínima o fonema. (WEIS, 2009, p. 6)

Assim, percebe-se que os sons de uma língua podem ser verificados a partir de duas categorias, sendo elas a ética e a êmica. Na primeira categoria (ética), os conceitos são observados pelo lado de fora de um sistema, enquanto os êmicos são reconhecidos pelo lado de dentro de um sistema. Os primeiros relacionam-se à fonética, os segundos, à fonologia.

Battisti (2014) também reitera que a fonologia não lida com a natureza física dos sons da fala, mas com as regras inconscientes da padronização sonora encontradas na mente do falante de uma língua particular. Battisti (2009) observa ainda que essas regras definem o modo de realização dos sons em certos contextos, descrevem a distribuição desses sons na língua e informam como o padrão sonoro reflete informações da morfologia e da sintaxe da língua.

Conforme apontam Madureira e Silva (2017), conhecer a fonologia é poder ensinar que as palavras possuem cada uma seu significado e que esse se constitui de unidades mínimas distintas particulares em cada língua, por isso tão importante não se colocar uma no lugar de outra, pois o discurso pode não ser emitido e recepcionado como deveria. Esses mesmos autores defendem:

Em uma breve análise fonológica, é possível observar que o que diferencia /'pata/ de /'bata/ é a substituição de uma “unidade mínima distintiva” por outra (ou seja, do fonema /p/ pelo /b/). Nesse caso, não estamos descrevendo as características físico-articulatórias dos fones [p] e [b] de forma isolada, estamos identificando, analisando a mudança de significado de palavras pela substituição de “unidades mínimas distintas ou fonemas. O que está em jogo aqui não são mais os aspectos articulatórios abordados isoladamente, mas a relação entre fonema e significação. Dessa forma, no plano da Fonologia, a apreciação da linguagem passa a considerar a percepção desses sons da fala humana em sua relação com a constituição de sentidos. É, portanto, uma abordagem funcional, e não isoladamente descritiva. (MADUREIRA; SILVA, 2017, p. 77)

Pelas questões expostas, torna-se fundamental que o professor alfabetizador e dos demais anos iniciais do EF conheça esses pressupostos para agir com segurança no processo de alfabetização, diante de alguns aspectos fonéticos e/ou fonológicos apresentados pelos alunos e que precisam ser considerados dentro de um contexto. É possível considerar que o bom desempenho oral do discente depende da aplicação significativa dos elementos sonoros em um nível funcional da língua. Para o alcance desse nível, impulsionado pelo docente, implica considerar aspectos orais antes da abordagem escrita, como forma de garantir sucesso na entrada no processo de leitura.

Esse conhecimento daria sustentação à argumentação do professor, ao corrigir, por exemplo o emprego de fonemas e respectivos grafemas (na escrita) em ambientes não aceitos pela gramática da língua. Nesse aspecto, serve como exemplo a exigência do ‘m’ antes de /p/ e /b/ e do ‘n’ em outros ambientes, como diante do /t/, não apenas requisito ortográfico puro e simples, mas por questões óbvias que a fonética pode esclarecer. O que ocorre muitas vezes na situação prática, é que apenas se reitera a exigência do tipo de grafema e não se explicam as questões articulatórias envolvidas, mais à frente detalhadas.

Gomes (2009) afirma que o professor de Língua Portuguesa, nos anos iniciais, muitas vezes reage de maneira negativa a determinados textos produzidos pelos alunos por desconhecimento do sistema fonológico da língua (diríamos fonético-fonológico) e as possíveis interferências desses fatos na escrita. A autora também afirma que a criança não comete “erros” de forma irrefletida, mas transpõe para a escrita o que pensa ser a representação das palavras de sua fala. A escrita da língua depende dos conhecimentos fonológicos, da consciência fonológica.

Dessa maneira, vislumbra-se, para o profissional que trabalha nos anos iniciais do Ensino Fundamental, um aporte teórico mais consistente, no tocante à formação docente para abordagem da língua materna no tempo inicial da competência metalinguística.

Sobre a formação docente assim propõem Madureira e Silva (2017):

Compreendemos que, para proporcionar uma formação docente de qualidade, é fundamental preencher essas lacunas, de modo a propiciar um diálogo constante e proveitoso entre os profissionais de ambas as áreas. Enquanto o professor de Língua Portuguesa não pode estar alheio às reflexões que envolvem o aprimoramento da prática docente, o pedagogo precisa conhecer os preceitos básicos do campo da Linguística, de modo a aliar sua percepção sobre a docência às formas que possibilitam abordar aspectos da linguagem por um viés funcional e, desse modo, aproximar o educando da realidade comunicativa da qual participa. (MADUREIRA; SILVA, 2017, p. 75)

Verificando o que apontam os autores (Madureira e Silva, 2017), nota-se a importância de intercambiar os saberes de Letras e de Pedagogia, tendo em vista ambas as formações terem de lidar com o ensino da língua. Na seção seguinte observaremos alguns itens referentes ao uso desses conhecimentos no ensino.

### **3 QUESTÕES FONÉTICO-FONOLÓGICAS E O ENSINO DA LÍNGUA**

A linguística, de um modo geral, desenvolveu-se muito ao longo das últimas décadas, mas nem sempre a escola acompanhou, nem mesmo os professores da área de linguagem conseguiram acompanhar tantas mudanças. Pelo contrário, esses profissionais que têm como objeto de trabalho a língua materna, nesse trabalho em voga a língua portuguesa, muitas vezes, se perderam em meio às diversas teorias, sem saber adequar o seu trabalho, recolheram-se, assim, em seus mundos e em suas antigas práticas, ou refugiaram-se na desculpa dos métodos. Conforme reforça Riolfi et.al (2014), “com os avanços da Linguística, que relativizou as noções de “certo” ou “errado”, a concepção de aula de Língua Portuguesa que ensina a falar corretamente desapareceu, sem que, no entanto, outra concepção tenha sido construída.”

Nesse contexto, alguns estudiosos dedicaram-se a analisar como o desconhecimento conceitual, ou de outra natureza, proposto por algumas áreas de estudo da linguagem pode implicar no trabalho e nos resultados do ensino. Neste trabalho detalham-se os acontecimentos relacionados à formação docente voltada para abordar a língua nos anos iniciais do EF.

Sobre o fato do desconhecimento de conceitos e pressupostos advindos da Fonética e da Fonologia, por parte dos professores dos anos iniciais, as pesquisadoras Otonelli e Alexius (2015) enfatizam que tais conhecimentos são fortes subsídios aos educadores, tanto na alfabetização quanto na sequência da escolarização em anos do ensino fundamental, e mais ainda nos iniciais e que, na maioria dos cursos de formação docente, não são trabalhados ou o são de forma incompleta ou inadequada.

As pesquisadoras supracitadas também defendem ser imprescindível que esta lacuna seja preenchida, ainda na formação inicial dos docentes. Para elas, conhecer os princípios da fonética e da fonologia ajuda o professor a perceber a complexidade da alfabetização devido às diferenças entre fala e escrita.

Segundo as autoras, a alfabetização deficitária leva grande parte do alunado a não conseguir aperfeiçoar os conhecimentos das mais diversas disciplinas, inclusive retêm problemas básicos relacionados à leitura e à escrita.



[...] considerando que o aluno utiliza a sua fala como parâmetro para a atividade de escrita, é comum a presença dos processos fonológicos em suas produções. Assim, os aspectos que envolvem as particularidades da língua e, por extensão, a aprendizagem da leitura e da escrita, são subsidiados pelos conhecimentos de Fonética e Fonologia. (OTONELLI; ALEXIUS, 2015, p. 2)

Dessa maneira, entende-se que quem trabalha com essas fases de escolaridade, independentemente de ser pedagogo ou com outra licenciatura, deve estar fundamentado nos conceitos dessa área basilar. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental os conteúdos de fonética e fonologia são abordados como tema central, cotidianamente.

Nesse sentido, Jorgevaldo Silva (2014) apresentou no XVII Congreso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL 2014), em João Pessoa, na Paraíba, um estudo que alavancou algumas discussões entre os componentes de um grupo de professores, estudantes de mestrado profissional, sobre as contribuições que o ensino da fonética e da fonologia, nas formações dadas em licenciatura, traria ao ensino da língua materna em todo o ensino fundamental, não só nos anos iniciais, mas do primeiro ao nono ano.

Segundo o estudo, as considerações desses professores ofereceram dois direcionamentos para se defender o estudo mais aprofundado da fonética e da fonologia na formação de professores da língua materna. O primeiro diz respeito à “qualidade das informações sobre aspectos bastante recorrentes na aquisição da escrita, da fala, da língua em si, como, por exemplo, conceito e classificação das vogais, consoantes, sílaba; de variação, ou regionalismo.” E o segundo aspecto relaciona-se “à qualidade na formação do aluno que passaria a ter todas as informações acima citadas, por exemplo, constituindo mais afinidade com os mecanismos de sua língua materna, ampliando a sua consciência fonológica.”

Faz-se mister esclarecer que consciência fonológica, segundo Seara; Nunes; Volcão (2017), significa a capacidade de analisar conscientemente estruturas formais da língua.

Essa capacidade compreende dois níveis: consciência de que a língua falada pode ser segmentada em unidades distintas – a frase pode ser segmentada em palavras, as palavras em sílabas e as sílabas em fonemas – e consciência de que essas unidades podem ser repetidas na língua. A consciência fonológica compreende a consciência das sílabas e dos fonemas. (SEARA; NUNES; VOLCÃO, 2017, p. 166)

Seara; Nunes; Volcão (2017) dedicam, em sua obra, o capítulo *A fonética e a fonologia e o ensino* noções claras de como um trabalho com a língua materna baseado na linguística, focando a fonética e a fonologia nos anos iniciais, pode colaborar com o letramento; qual é a importância dos conhecimentos da fonética para os profissionais, cuja lida está relacionada ao

processo de aquisição da língua e como o combate ao preconceito linguístico está diretamente ligado ao conhecimento dos fenômenos fonéticos.

O que, afinal, a Fonética e a Fonologia têm a ver com tudo isso? Ora, ambas são áreas que estão diretamente envolvidas com o processo de alfabetização/letramento. Se nós queremos que os índices de letramento aumentem, e, com isso, asseguremos o direito do cidadão a ter acesso ao mundo letrado, é preciso que olhemos para todos os elementos que podem influenciar no desempenho dos alunos. A partir do momento em que começamos a refletir sobre as letras, sobre a relação entre grafemas e fonemas e o papel que ocupam na palavra, na frase e no discurso, começamos a repensar o modo como ensinamos, ou o modo como podemos aprender a ler e a escrever. (SEARA; NUNES; VOLCÃO, 2017, p.165)

Nesse excerto fica evidenciado que a Fonética e a Fonologia devem estar contempladas nas formações de pessoas cuja lida docente estará diretamente ligada à aquisição da língua, em suas modalidades falada e escrita.

Essas mesmas autoras elucidam que não basta enquadrar a ação docente em um método, simplesmente. O ensino deve prever o letramento e não apenas a codificação de fonemas e a decodificação de grafemas. Segundo elas se faz bem mais importante o professor conhecer de fato aquilo que ensina. “Parece lógico que um professor das séries iniciais já deva ter refletido sobre termos pelo menos sete vogais orais”.

Sobre a Fonologia Cagliari (2009, p. 75) nos alerta que “se o objetivo da escola é ensinar como a língua portuguesa funciona, ela deve ensinar ao aluno Fonética e Fonologia”. Segundo o autor, o que se traz nos livros didáticos e nas gramáticas sobre fonética “é desastroso”.

Há, do ponto de vista de Cagliari (2009), erros primários e uma incompreensão quase total da realidade da língua, apontando também que esses compêndios nem perceberam a distinção entre uma e outra disciplina. Sobre o assunto ele observa:

Certamente, na alfabetização, não é oportuno ensinar tudo sobre fonologia. O ensino precisa ser programado ao longo de todos os anos do ensino fundamental e médio. Mas há técnicas fonológicas que com certeza são de grande interesse para a professora de alfabetização, que empregando-as poderá realizar atividades que motivem o aluno, além de ensinar como certos fatos da língua funcionam. (CAGLIARI, 2009, p. 75)

Verifica-se, então, que todo professor da área de linguagem, que aborde a língua como conteúdo didático, precisa estar munido desses conhecimentos para que ensine com competência e precisão.

No desenrolar do trabalho, algumas verificações realizadas apontaram, primeiro, que o professor alfabetizador pode desconhecer o conceito e os diferentes fones da língua portuguesa

e, por isso, ignore a fala de um aluno que possua uma variedade de fala diferente da região em que ele (o professor e até os outros alunos) está inserido, estimulando o preconceito linguístico.

Isso pode ocorrer com /t/ e com /d/, no contexto de ‘i’<sup>3</sup>, por exemplo [‘potʃi] ‘pote’ e [‘poti] ‘pote’, em que o [tʃ] se dá na maior parte do Brasil, enquanto o [t] em alguns lugares do norte e nordeste brasileiro. Nesse caso, as ocorrências são alofones do /t/, ou seja, variações do mesmo fonema, que ocorrem na fala, mas na escrita são grafados com a mesma letra. O mesmo ocorre muito com os diferentes fones do /r/, principalmente com as ocorrências do retroflexo [ɾ] bastante presente em variedades do português menos prestigiadas socialmente, comumente chamadas de ‘r’ caipira, sendo assim, estigmatizada.

Assim sendo, no bojo da escola, é extremamente necessário viabilizar o conhecimento da língua materna e o seu aprendizado do ponto de vista das diferenças, tornando-os acessíveis aos usuários das inúmeras variedades linguísticas, sejam elas de natureza social, regional, de gênero ou relacionadas à faixa etária, que toda língua viva e natural contempla. Nesse pressuposto, o ideal não é substituir uma por outra variedade, não atribuir status de boa ou ruim a determinada variedade, mas sim demonstrar aos estudantes as razões da diversidade linguística que compõe o ambiente escolar, e, portanto, o país. Nesse caso, conscientizá-los que podem ser competentes utentes da língua portuguesa, reconhecendo os diversos usos da língua, inclusive adquirindo a “norma padrão”, tendo como ponto de partida a variedade que trazem.

Em segundo lugar, e mais corrente, é que se desconhece o conceito de vogal e de consoante como som, e inculque no aluno que as letras são os fonemas da língua, levando o aluno a afirmar a existência de cinco vogais e 21 consoantes no português brasileiro (PB). Da mesma forma, também pode levar o aluno a não refletir sobre o valor distintivo dos fonemas, como em [‘fakɐ] ‘faca’ e [‘vakɐ] ‘vaca’ em que os fonemas /f/ e /v/ causam a distinção de significados. E isso porque, foneticamente estão condicionados a realizações diferentes, uma vez que um é surdo (não vibra nas cordas vocais) e o outro é sonoro (faz vibrar as cordas vocais ao se produzir), ou como preferem alguns teóricos, desvozeado e vozeado, respectivamente.

Talvez uma abordagem, ou uma explicação, dessa natureza, para o aluno que troca a letra que representa, na escrita, o som, seria o bastante para não mais ocorrer. Há inúmeras maneiras de se “brincar” e reconhecer esse aspecto da articulação dos fonemas, como colocar a mão na garganta e produzir o som, verificando a vibração das pregas ou cordas vocais, colocar a palma da mão no centro da cabeça e pronunciar uma palavra com as referidas consoantes,

---

<sup>3</sup> Tratamos de contexto de ‘i’ no referente ao som e não na escrita. A palavra ‘pote’ grafa-se com ‘e’ no final, porém a pronúncia é de [i] ‘i’.

sentindo a vibração ou não, determinando o caráter da sonoridade dessas consoantes, dentre outros. Dessa forma, as explicações fonéticas seriam importantes.

Torna-se bem notório o fato de alguns professores estranharem a afirmação de que na língua portuguesa existam 33 fonemas, sendo eles 12 vogais, a depender do veio teórico que se toma, 19 consoantes e duas semivogais (semiconsoantes). Isso porque, no processo de abordagem da língua, atenta-se mais às letras que compõem o alfabeto, ignorando as questões fonológicas da língua portuguesa.

Uma das tarefas a que se propõe este trabalho é esclarecer que ao falar em vogal e consoante, fala-se em sons e não apenas em letras e que estas são as representações (tentativa de escrever a fala) dos sons na escrita.

Sobre a quantidade de segmentos da língua materna podem ser consideradas as afirmações de Silva (2014, p. 136) em que o português possui em sua estrutura 19 segmentos consonantais para qualquer idioleto (sistema linguístico de um único indivíduo). Lembrando que esta quantidade está relacionada com o sistema denominado *língua* e o quadro fonético está diretamente à *fala*. Assim, há 19 sons consonantais distintivos na língua portuguesa.

Quanto às vogais, Silva (2014, p. 166) diz que “se assumimos que há contraste fonêmico entre vogais orais e nasais teremos de admitir doze fonemas vocálicos para o português (sete orais e cinco nasais)”. De qualquer modo, mesmo não admitindo que exista esse contraste fonêmico entre orais (com passagem de ar/som apenas pela boca) e nasais (em que parte do som passa pelo nariz) não são cinco vogais existentes em português, como se afirma nas abordagens da língua portuguesa como conteúdo de alfabetização. Seriam, desse modo, sete vogais orais. Seara; Nunes; Volcão (2017) enfatizam essa questão:

[...] existe uma corrente (Câmara Jr, 1977) que considera que o sistema fonológico do PB possui apenas sete vogais orais e que a vogal oral seria bifonêmica [...]. Há, porém, uma outra corrente (Head, 1964; Pontes, 1972; Back, 1973) que argumenta que o sistema fonológico do PB comporta sete vogais orais e cinco nasais, ou seja, existem palavras que se distinguem apenas pela nasalidade da vogal. Dessa maneira, /ã/ e /a/ seriam fonemas da língua, uma vez que formam pares mínimos nas palavras [‘kato] e [‘kãto]<sup>4</sup>. (SEARA; NUNES; VOLCÃO, 2017, p. 166)

Um fato bem corrente no ensino é que as exigências ortográficas não são explicadas pelo real motivo. Muitas vezes, esses quesitos têm relação direta com os fatos fonético-fonológicos que o professor desconhece e os coloca como obrigatórios, porém sem dar o motivo lógico. Um exemplo é o da exigência de se colocar, na escrita, o “m” antes de /p/ e /b/ e “n”

---

<sup>4</sup> [‘kato] ‘cato’; [‘kãto] ‘canto’. O traço de nasalidade é que distingue o significado, por isso /ã/ e /a/ devem ser considerados fonemas distintos.



O Alfabeto Fonético constitui-se um sistema de anotação fonética, composto de 157 caracteres com a finalidade de representar a realização dos fonemas de uma língua. Usando esse quadro de notações, cada língua tem seu quadro de consoantes e vogais que são representadas por esses mesmos símbolos fonéticos. O quadro que segue representa as 19 consoantes do português e os respectivos alofones.

Figura 2. Quadro das consoantes do português

		Bilabial	Labiodental	Dental ou Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar
Oclusiva	desv	p		t			k
	voz	b		d			g
Africada	desv				tʃ		
	voz				dʒ		
Fricativa	desv		f	s	ʃ		x
	voz		v	z	ʒ		ɣ
Nasal	voz	m		n		ɲ	
Tepe	voz			r			
Vibrante	voz			ʀ			
Retroflexa	voz			ɻ			
Lateral	voz			l ɭ		ʎ	

Fonte: <http://www.dle.uem.br/fonetica/consoantes.html>. Acesso em 20/06/2022

Pela figura 2 nota-se que são fonemas (unidades distintivas) consonantais do português: /p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/, /f/, /v/, /S/ /z/, /ʃ/, /ʒ/, /m/, /n/, /ɲ/, /R/ l/, /ʎ/, enquanto que os demais símbolos são diferentes realizações de fonemas, como as africadas [tʃ], [dʒ] que se constituem realizações (alofones) de /t/ e /d/ respectivamente. Observa-se que o /S/ e o /R/ assim representados (maiúsculos) estão como arquifonemas, ou seja, neutralizados de valor distintivo, visto que possuem diferentes realizações, sem causar distinção de significado. Assim, pode-se compreender que há no português brasileiro dezenove consoantes, dentre as quais o /t/, o /d/, o /R/, /S/ e o /l/ possuem seus alofones, ou seja, distintas realizações fonéticas, mas sem causar distinção de significados, por isso não fazem diferença na escrita, embora ocorram na fala.

Observa-se que os conhecimentos do campo fonético-fonológico não devem ser exclusivos do estudante de Letras, mas, por mister, deve alcançar todo professor de linguagem, todo falante, todo aluno, com a finalidade de se compreender o que é a língua em sua estrutura

formal, como funciona a língua, quais são suas variações, suas características gerais e individuais, o porquê de tantos detalhes.

Figura 3. Quadro das vogais do português

	anterior	central	posterior
	não-arred		arred
alta	i		u
média-alta	e		o
média-baixa	ɛ		ɔ
baixa		a	

Fonte: <http://www.dle.uem.br/fonetica/vogais.html>. Acesso em: 20/06/2022

Também, pode-se observar na figura 3 que as vogais não são apenas cinco, mas pelo menos sete, sem contar as nasais, visto que cada uma dessas realizações pode causar distinção de significado, por isso constituindo-se fonemas distintos, como exemplo, [ˈpɛ] ‘pé’ (parte do corpo) não é o mesmo que [pe] ‘pe’ (nome da letra) devido à vogal “e” ser aberta, constituindo um outro fonema. Do mesmo modo acontece com [pɔ] ‘pó’ e [po] ‘po’.

Importante ressaltar que a Fonética e a Fonologia não bastam para explicar todos os aspectos estruturais das línguas, porém essas disciplinas podem contribuir imensuravelmente para uma aula de língua portuguesa mais abrangente e muito mais na formação dos professores alfabetizadores e dos anos iniciais.

#### 4 CONHECENDO A ESTRUTURA DE CURSOS DE PEDAGOGIA

Segundo Saviani (2020, p. 19), a pedagogia foi-se desenvolvendo, na civilização ocidental, firmando-se como “correlato da educação, entendida como o modo de apreender ou de instituir o processo educativo”. Em sua remota origem, etimologicamente, o nome do curso Pedagogia significava “conduzir criança”, assim, ao se falar em pedagogos, logo remete-se a um professor dotado da ciência, de técnicas apropriadas para conduzir as crianças aos conhecimentos primordiais da vida escolar. Isso porque na antiga Grécia a palavra *paidagógos* englobava as partes *paidós* (criança) e *gogós* (variação do radical gogia).

No tangente às origens do curso no Brasil, de acordo com o mesmo autor, o Decreto 1.190/39, ao estruturar a Faculdade Nacional de Filosofia, Ciências, Letras e Pedagogia, fez com que cada uma dessas faculdades agregasse outros cursos, menos o curso de Pedagogia, o qual se constitui de forma solitária e em paralelo com o curso de Didática. No tangente à Pedagogia, com a publicação da Lei nº 5.540 (da Reforma Universitária), em 1968, surgiram as especializações em Orientação, Supervisão, Inspeção e Administração Escolar. Porém, a formação de Professores do ensino normal continuou como parte do curso e os saberes para lecionar na Educação Infantil e etapas iniciais do Ensino Fundamental continuaram afastados do curso de Pedagogia.

Os cursos superiores existentes, à época, organizaram-se nas modalidades de bacharelado e/ou licenciaturas. O curso de Pedagogia, de acordo com o autor, nasceu como bacharelado, com duração de três anos, tendo de ser acrescentado pelo curso de Didática (criado na mesma época), com um ano de duração, para se tornar licenciatura.

Nessa constituição, o curso de Pedagogia recebeu como currículo:

1º ano: Complementos de matemática; história da filosofia; sociologia; fundamentos biológicos da educação; psicologia educacional.

2º Ano: Psicologia educacional; estatística educacional; história da educação; fundamentos sociológicos da educação; administração escolar.

3º ano: Psicologia educacional; história da educação; administração escolar; educação comparada; filosofia da educação. (SAVIANI, 2020, p. 50)

Nota-se, pelo excerto, que no seu início essa se constituía uma formação generalista, dentre as disciplinas mencionadas no currículo, apenas a Psicologia Educacional prevalece no decorrer de todo curso. Nesses termos, para complementar e tornar-se licenciado, o pedagogo deveria cursar duas das seis disciplinas constantes no curso de Didática, sendo elas Didática Geral e Didática Especial, pois as demais disciplinas desse curso também constavam no âmbito da Pedagogia. Dessa forma, o curso já nasce com incompletude na formação de seus graduados, os quais precisavam se habilitar em formação continuada.

Ao longo do tempo, o curso de Pedagogia passou por muitas reformulações, mas mesmo depois da Lei de Diretrizes e Bases nº 9394/96 não conseguiu se definir para além da constituição do especialista nas áreas de orientação e administração escolar, supervisão e inspeção escolar, além de formar professor do ensino normal, conforme ratifica Saviani (2020, p.51).

Em relação ao caráter adquirido pelo curso de Pedagogia, as Diretrizes Curriculares Nacionais de abril de 2006 vêm com a tentativa de confirmar a formação dada nesse curso, supostamente, livre do caráter generalista. Porém, verifica-se ainda uma necessidade de



definição de um currículo para formação de professores com conhecimento aprofundado sobre os conteúdos com os quais lidarão de forma direta, nos anos em que abordam, principalmente, a língua materna, a base da construção de outros saberes mais elaborados.

Como os demais cursos superiores, os cursos de Pedagogia fazem registro de seus projetos e ações pedagógicas nos seus PPC(s). No âmbito deste trabalho, além da observação nos lugares de efetividade do trabalho docente, foi realizada uma pesquisa concernente aos currículos de cursos de Pedagogia na região de Campos Belos (GO), por meio de seus PPC(s), sendo um da Universidade Estadual de Goiás (PPCUEG), outro do Instituto Federal Goiano (PPCIFGO) em Campos Belos, na modalidade EAD, cujo nome é Pedagogia e Educação Profissional e Tecnológica (EPT), e mais um da Universidade Federal do Tocantins (PPCUFT), do câmpus Dr. Sérgio Jacintho Leonor. Essa parte da pesquisa objetivou verificar se a fonética e a fonologia são tratadas no bojo desses cursos, se o é de maneira significativa, ou em forma de um conteúdo integrado em outra disciplina.

No tocante ao curso de Pedagogia da UEG, em Campos Belos (GO), verificou-se que em seu PPC (s/d), consta, no currículo do segundo ano, no decorrer do terceiro período, uma disciplina denominada Bases Linguísticas para Alfabetização contemplando, como um dos conteúdos, a fonética e a fonologia. A ementa dessa disciplina (BLA) prevê “Fonética e Fonologia e Aquisição de Língua Materna - oralidade e escrita” como um dos seis temas de abordagem, ou seja, como um dos conteúdos.

Entretanto, na bibliografia básica e complementar não há nenhum autor da área em específico. Apenas dois dos autores das referências tratam do assunto, porém não de maneira objetiva, com os pormenores de análise dos fatos fonético-fonológicos da estrutura da língua portuguesa, mas esses autores sugestionam a importância desse conhecimento para o docente em questão e dão exemplos de aplicação. Compete-nos dizer que, de qualquer maneira, já é um grande feito, embora seja fácil notar a insuficiência do trato.

Já o PPCIFGO (2018), traz registrado o caráter formador de profissionais com competência pedagógica para atuarem no exercício do magistério nas etapas da educação básica. (PPC IF, 2018, p 15). Verifica-se, nesse PPC, ratificação do IF sobre curso: “habilita o aluno para atuar na Educação Básica e em espaços nos quais sejam necessários conhecimentos pedagógicos” (p. 12). Entre os quesitos do perfil do aluno egresso do curso de Pedagogia EPT está “exercer a docência e outras atividades pedagógicas na Educação infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, na Educação de Jovens e adultos no Ensino Superior e na Educação Profissional e Tecnológica” (p. 34).

No tocante ao currículo, dentre suas disciplinas, que estão divididas em três eixos: formação geral, aprofundamento e diversificação de estudos, estudos integradores, constam Linguagem, Alfabetização e Letramento, no primeiro núcleo, cuja ementa prevê o estudo sobre a linguagem, o aprendizado da escrita, métodos de alfabetização e outros. No entanto, nenhum conteúdo que se relacione explicitamente com os conceitos e pressupostos das disciplinas fonética e fonologia. É claro o caráter do curso mais voltado para Educação Profissional e Tecnológica (EPT), porém o egresso, além de estar habilitado para essa EPT, é um pedagogo, e na concepção geral brasileira, esse profissional deve assumir os anos iniciais do EF como docente. O pedagogo é o profissional reconhecido como habilitado para essa fase do ensino. Os concursos, no âmbito dos sistemas da educação brasileira, para esse ofício, primam por pedagogos.

Em relação ao PPC (2019) do curso de Pedagogia da UFT, Câmpus de Arraias, observa-se como objetivo geral para o curso de Pedagogia “formar o licenciado em Pedagogia a partir do objeto próprio de estudo de área, fundamentado na docência que compreende ensino, gestão, formação e a difusão do conhecimento nos espaços escolares” (p.35). O PPCUFT (2019, p. 43) aponta como campo de atuação, para o egresso do curso, a docência no Ensino Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nas disciplinas pedagógicas do Ensino Médio, na modalidade normal e ainda na Educação Profissional.

Quanto ao propósito da investigação nesta pesquisa, não foi identificada, nesse PPC, nenhuma disciplina que explicita estudos de fonética e fonologia, nem mesmo como ponto de reflexão, como acontece no curso em que há Bases Linguísticas para Alfabetização (da UEG). A disciplina mais aproximada ao ensino da língua materna seria Alfabetização e Letramento, cuja ementa gira em torno dos métodos de alfabetização, e outros conteúdos da natureza.

Dessa maneira, observamos a fonética e a fonologia quase que completamente ignoradas no bojo dessa licenciatura a qual qualifica o graduado minimamente para lidar com a fase inicial de apreensão da língua materna.

## **5 PALAVRAS FINAIS**

Este trabalho se constituiu com a finalidade de apontar a importância da fonética e da fonologia, em seus conceitos, pressupostos e métodos na formação dos pedagogos, docentes dos anos iniciais, visando discutir como esses conhecimentos podem potencializar a ação de se educar para o uso da língua materna.

Para atingir os objetivos propostos, confirmando ou refutando as hipóteses levantadas de que a formação inicial desse docente não é suficiente, desenvolveu-se um estudo em três etapas. Em primeira mão houve a verificação de como era o conhecimento do assunto por parte dos professores dos anos iniciais, por meio de uma observação nos ambientes de trabalho da pesquisadora e conversas com docentes do EF. No momento seguinte, realizou-se um estudo teórico sobre o objeto Fonética e Fonologia, e, na sequência, última etapa, uma leitura da literatura especializada e dos PPC(s) dos cursos de Pedagogia vigentes na região de Campos Belos (GO), não levando em conta se estado do Tocantins ou Goiás, visto que estão bem próximos os campos de formação e os discentes desses cursos transitam entre esses lugares de formação, tanto quanto trabalham nas cidades dos dois estados, depois de formados.

A análise inicial se deu com o curso oferecido por uma universidade com administração estadual (UEG). Na sequência estudaram-se os documentos de duas outras instituições federais, (UFT, IF) a fim de apontar como as disciplinas de estudos linguísticos (Fonética e Fonologia, ou relacionadas) estão presentes na formação dada pelos referidos cursos, no âmbito dessas unidades.

Identificou-se que as obras revisadas são diretamente conectadas ao assunto fonética e fonologia da língua, ou à reflexão sobre como o professor precisa trazer consigo esses conhecimentos para abordar a estrutura da língua (portuguesa) com os alunos dos anos iniciais da escolarização e, com eles, agir e construir novos conhecimentos. Em diálogo com essas obras, a autora forma um campo de reflexão e de alerta para os professores de língua portuguesa dos anos iniciais e até da continuação do ensino, sobre como levar os conceitos da Fonética e da Fonologia ao encontro de seu aluno da alfabetização ou de qualquer ano, mais efetivamente.

Neste trabalho, ressaltou-se a importância da fonética e da fonologia para o docente dos anos iniciais do EF, tendo em vista que a formação docente prima pela interdisciplinaridade, pela criticidade e reflexão. E depois de uma leitura e análise dos PPC dos cursos de Pedagogia, evidenciou-se, assim, o fato de que o oferecido, no tocante ao quesito fonética e fonologia da língua portuguesa, na formação inicial (graduação) do docente pedagogo é bem reduzido, diante do arcabouço que se exige para encaminhar os alunos a uma capacidade metalinguística suficiente para lhes dar segurança nos usos dos recursos linguísticos no bojo da língua materna.

Os números dados pelas avaliações externas aplicadas pelos órgãos competentes no que concerne a esse domínio não são nada animadores. Mas, de certa forma, são visualizados nessas avaliações apenas os reflexos advindos do ensino ministrado nas escolas. Ainda não se

relacionou esse resultado com a formação do docente, ou mesmo com a necessidade de reformulação da formação inicial ou mesmo da carência de formação continuada.

Dessa maneira, constatou-se, neste percurso, a urgência de intensa reflexão e ações sobre o tema, não só por parte daqueles que estão na ponta do processo, recebendo a formação e promovendo o ensino na etapa fundamental ou básica, ou seja, por parte do professor, mas também e, principalmente, daqueles que pensam e impulsionam a estruturação e a reestruturação dos cursos superiores no Brasil, promovendo, assim, um grande debate sobre o curso de Pedagogia e também de outras formações em licenciaturas, no sentido de que elas se tornem mais objetivas e atendam efetivamente o graduado nos seus anseios quanto ao campo de atuação.

No plano pessoal, não só se percebe a referida lacuna na formação inicial do pedagogo, como se vê a necessidade de mais engajamento na referida reestruturação dos currículos dos cursos de Pedagogia, e por consequência do ensino superior. Esse trabalho pode ser considerado o primeiro passo, a reflexão inicial. Propomos aqui um encontro entre os estudos linguísticos e a Pedagogia, em uma comunhão, com o intuito de alavancar o ensino e a aprendizagem da língua materna, ou de línguas ensinadas na escola, promovendo, assim, o diálogo entre as licenciaturas no tangente ao que lhes é comum.

Dessa modo, portanto, este estudo não pretende ser a palavra final sobre a importância da fonética e da fonologia para a alfabetização e a necessidade de se constituírem disciplinas plenas na formação do pedagogo, porém almeja dar continuidade às discussões a respeito e aporta subsídios para que os trabalhos vindouros investiguem possibilidades para melhorias do ensino da língua nas séries iniciais, e, do ensino de forma geral.

## **REFERÊNCIAS**

ALEXIUS, Sofia Cristina; OTONELLI, Adriana Vivian. **A Importância da Fonética e da Fonologia na Formação do Professor da Alfabetização e das Demais Fases Escolares.** *Pleiade*, 09(18): 98-104, Jul./Dez., 2015.

BATISTI, Elisa. **Fonologia.** In SCHWINDT, L.C. **Manual de linguística-fonologia, morfologia e sintaxe.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BISOL Leda (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro.** 5ª Ed. revista. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2010.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística.** São Paulo: Scipione, 2009.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. **Metodologia do ensino de língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 2009.

HORA, Dermeval da. **Fonética e fonologia**. Fascículo II do curso de Letras, UFPB, 2009 (disponível em: [portal.virtual.ufpb.br/biblioteca-virtual/files/](http://portal.virtual.ufpb.br/biblioteca-virtual/files/) Acesso: setembro de 2012).

MADUREIRA, André L. G; SILVA, Fabrício O. da. **Fonética e Fonologia na docência: contribuições para o processo de ensino e de aprendizagem da linguagem**. Educação em Foco, ano 19 - n. 29 - set/dez. 2016 - p. 35-60

MONARETTO, V. N. O., QUEDNAU, L.R., HORA, D. da. **As consoantes do português**. In: BISOL, L. (org) **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre, EDPUCRS, p.195-228, 2001.

PROJETO POLÍTICO DO CURSO PEDAGOGIA. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, Campus Campos Belos, GO, 2018.

PROJETO POLÍTICO DO CURSO DE PEDAGOGIA. Universidade Estadual de Goiás, Unidade de Campos Belos, GO, (S/D).

PROJETO POLÍTICO DO CURSO DE PEDAGOGIA. Universidade Federal do Tocantins. Campus Dr. Sérgio Jacintho Eleonor, Arraias, TO. 2019.

RIOLF, Cláudia [et.al]. **Ensino da língua portuguesa**. São Paulo: Cengage Learning. 2014.

SAVIANI, Dermeval. **A pedagogia no Brasil: história e teoria** [livro eletrônico] Campinas, SP: Autores Associados, 2020.

SCHWINDT, L.C. **Manual de linguística-fonologia, morfologia e sintaxe**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SEARA, I. C; NUNES, V; VOLCÃO, C.L. **Para conhecer a fonética e fonologia do português brasileiro**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2017.

SILVA, Jorgevaldo de Souza, **A fonética e a fonologia no currículo do ensino fundamental**. (Artigo) XVII Congreso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL 2014) João Pessoa - Paraíba, Brasil, 2014.

SILVA, Thais Cristóforo. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercício**/ 9 ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: contexto, 2008.

WEIS, Helga Elisabeth. **Fonética articulatória: Guia e exercícios**. 3ª edição. Brasília, DF: Summer Instituto of Linguistics, 1988.